



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

O ESPELHO COLONIAL: REFLEXOS DA COLONIALIDADE DAS NOTÍCIAS NA AMAZÔNIA NA COBERTURA JORNALÍSTICA DOS EVENTOS PRÉ-COP30¹

Albertina Vieira de Melo Gomes Oliveira – Universidade Federal do Pará

Danila Cal – Universidade Federal do Pará

Daniela Mascarenhas de Queiroz Trevisan – Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Este estudo analisa a cobertura jornalística dos eventos pré-COP30 (Cúpula da Amazônia e Diálogos Amazônicos) utilizando a metáfora do “espelho colonial” e do conceito de colonialidade das notícias. Utilizando o Índice de Colonialidade das Notícias (ICN), metodologia quantitativa fundamentada na teoria decolonial, foram analisadas 66 matérias de quatro veículos (G1, Amazônia Real, Tapajós de Fato e Sumaúma) no período de agosto de 2023. A pesquisa emprega análise de conteúdo com codificação sistemática de 15 variáveis distribuídas em cinco dimensões da colonialidade. Os resultados revelam diferentes graus de colonialidade entre os veículos, evidenciando como as narrativas midiáticas podem perpetuar ou contestar representações coloniais da Amazônia e seus sujeitos, especialmente na dimensão ambiental, onde se observa epistemicídio ambiental e despolitização de conflitos ecológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Espelho Colonial; Amazônia; Índice de Colonialidade das Notícias; Decolonialidade; Meio ambiente.

1 INTRODUÇÃO

Este resumo busca analisar a cobertura jornalística dos eventos pré-COP30 (Cúpula da Amazônia e Diálogos Amazônicos), focando nas notícias coletadas no recorte temporal de 1 a 31 de agosto de 2023, em quatro veículos de comunicação: um com características hegemônicas (G1) e três com características contra-hegemônicas situados na região da Amazônia Legal (Amazônia Real, Tapajós de Fato e Sumaúma). Torna-se relevante refletir sobre como essas análises podem revelar indícios da representação da Amazônia nessas narrativas e como a colonialidade das notícias se manifesta nas narrativas jornalísticas.

O problema desta pesquisa busca entender como as narrativas presentes na cobertura jornalística dos eventos pré-COP30 constroem e/ou reforçam significados atribuídos às mulheres da Amazônia, ao território e ao meio ambiente, considerando as tensões entre perspectivas hegemônicas e contra-hegemônicas analisadas à luz da colonialidade das notícias. O objetivo geral é analisar os sentidos atribuídos às mulheres da Amazônia, ao território e ao meio ambiente nas narrativas da cobertura jornalística dos eventos pré-COP30, utilizando um índice que sistematiza essas dimensões narrativas e simbólicas.

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

Nesse sentido, o resumo investiga como a colonialidade se manifesta nessas narrativas midiáticas, utilizando a metáfora do “espelho colonial” como lente para compreender como os veículos de comunicação, ao refletirem o território e seus sujeitos, o fazem por meio de um olhar exógeno, frequentemente distorcido e hierarquizado, reforçando a lógica colonial e promovendo o epistemicídio.

2 METODOLOGIA (métodos e técnicas utilizados)

Para investigar a colonialidade das notícias na cobertura pré-COP30 sobre a Amazônia, utilizou-se como base metodológica a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), com a estrutura conceitual do Índice de Colonialidade das Notícias (ICN). O corpus foi coletado com o uso de um CSE (Mecanismo de Pesquisa Programável) do Google, programado para buscar as palavras-chave “Cúpula da Amazônia” e “Diálogos Amazônicos” nos sites dos quatro veículos selecionados durante o mês de agosto de 2023.

A Metodologia do ICN é uma ferramenta quantitativa fundamentada na teoria decolonial que visa identificar e mensurar manifestações de colonialidade em discursos midiáticos. A metodologia organiza-se em cinco dimensões interconectadas da colonialidade – do Ser, do Saber, do Poder, Territorial e Ambiental – operacionalizadas por 15 variáveis específicas que permitem a codificação sistemática e objetiva das narrativas. Foram coletadas 66 matérias, posteriormente inseridas em planilha estruturada e codificadas utilizando 0 (ausência), 1 (presença) e N/A (não se aplica).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta articula o conceito de colonialidade das notícias à metáfora do “espelho colonial” baseada em Frantz Fanon (2008), que explora como o colonizado se vê através do espelho do colonizador. Aplicado ao conceito de colonialidade das notícias, a metáfora reforça a ideia da mídia como espelho distorcido que herda estruturas coloniais, refletindo imagens distorcidas de povos, culturas e realidades eurocêntricas.

Para Quijano (2005), a colonialidade do poder classifica os sujeitos de acordo com raça e epistemologia, perdurando após o fim do colonialismo formal. Os veículos de comunicação estão diretamente atrelados à colonialidade do saber ao legitimarem determinadas vozes e narrativas. Eliane Brum (2021) denuncia como a Amazônia é constantemente narrada a partir do “olhar de fora”, sendo vista como “um vazio a ser preenchido por significados de fora para dentro”.

Carlos Walter Porto-Gonçalves (2001) afirma que a imagem da Amazônia é “uma imagem sobre a região e não da região em si”, sendo vista pela ótica dos colonizadores e não pelos seus próprios povos. Essa construção homogeneizada projeta uma “floresta descolada” dos sujeitos, ignorando a pluralidade de territórios e culturas que compõem a região.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise através do ICN revelou diferentes graus de colonialidade entre os veículos estudados, evidenciando um gradiente que vai desde práticas mais coloniais até abordagens mais decoloniais. A dimensão Ambiental mostrou-se particularmente relevante, manifestando-se por três variáveis principais: epistemicídio ambiental, despolitização ambiental e sustentabilidade hegemônica.

Na dimensão da Colonialidade Ambiental, observou-se a imposição de paradigmas ambientais hegemônicos que invisibilizam saberes ecológicos tradicionais e despolitizam questões ambientais. As manifestações discursivas incluem o epistemicídio ambiental, caracterizado pela ausência ou desqualificação de saberes tradicionais sobre o meio ambiente; a despolitização de conflitos ambientais, apresentando questões complexas como meramente técnicas; e a promoção de sustentabilidade hegemônica, privilegiando modelos únicos em detrimento de práticas tradicionais sustentáveis.

Os resultados demonstram que os veículos contra-hegemônicos (Sumaúma, Amazônia Real e Tapajós de Fato) apresentaram menores índices de colonialidade ambiental, oferecendo maior espaço para vozes locais e saberes tradicionais. Em contraste, o veículo hegemônico (G1) mostrou maior tendência à mercantilização da natureza e à ausência de perspectivas ecológicas tradicionais, reforçando a lógica colonial que transforma a Amazônia em recurso a ser explorado.

A representação dos sujeitos da Amazônia na dimensão ambiental revelou padrões de invisibilização de suas relações específicas com o território e o meio ambiente. As mulheres amazônicas, em particular, tiveram suas conexões territoriais e conhecimentos ecológicos frequentemente negligenciados nas narrativas analisadas, evidenciando a interseccionalidade entre colonialidade de gênero e ambiental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do ICN como ferramenta analítica demonstrou sua eficácia em quantificar manifestações de colonialidade nas narrativas jornalísticas, oferecendo uma abordagem sistemática para identificar padrões de representação colonial. A metáfora do espelho colonial revelou-se útil para compreender como os veículos de comunicação podem tanto perpetuar quanto contestar representações hegemônicas da Amazônia.

Os resultados apontam para a necessidade de práticas jornalísticas mais decoloniais que reconheçam a complexidade e diversidade amazônica, valorizem saberes tradicionais e promovam a agência dos sujeitos locais. A dimensão ambiental emerge como campo privilegiado para a manifestação da colonialidade, exigindo atenção especial na formação de comunicadores críticos e no desenvolvimento de políticas públicas de comunicação.

Como prospecções futuras, sugere-se o refinamento das variáveis do ICN, sua adaptação a outros contextos geográficos e discursivos, e o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas para análise automatizada de grandes volumes de dados. A pesquisa contribui para uma nova agenda de estudos decoloniais em comunicação, oferecendo instrumentos científicos para a análise crítica de representações midiáticas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUM, E. **Banheiro Ókô: minha vida de menina no fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TUCK, E.; YANG, K. W. Decolonization is not a metaphor. *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*, v. 1, n. 1, p. 1-40, 2013.